

Afuá, um refúgio da urbanidade

Afuá, a refuge from urbanity

Afuá, un refugio de la urbanidad

Michelle Souza Benedet, doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina.

E-mail: michelle.benedet@udesc.br  <https://orcid.org/0000-0002-2571-6510>

Para citar este artigo: BENEDET, M. S. Afuá, um refúgio da urbanidade. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 45-59, 2024.

DOI 10.5935/cadernospos.v24n1p45-59

Submissão: 2023-02-24

Aceite: 2023-07-05

Resumo

As frentes de água podem se apresentar como espaços cujo papel articulador pode diminuir o isolamento espacial e o aumento da tolerância à diferença, por meio do resgate dos valores da urbanidade. A experiência no município de Afuá, cidade ao norte do Arquipélago de Marajó, na foz do Rio Amazonas, no Pará, tem como objetivo identificar fatores que elevam a urbanidade lá aflorada e seus resultados, a urbanidade propriamente dita, e fornecer subsídios para o estabelecimento de critérios e parâmetros para análise da urbanidade em frentes de água. A análise foi realizada pelo método de anotar observações em tempo real e de modo sistemático, denominado Diário (Gehl; Svarre, 2018). Afuá é um refúgio, um lugar seguro que não se expôs a situações de hostilidade, um exemplo de como a relação da água, da cidade e das pessoas pode ser um ponto de partida para a urbanidade tão almejada.



Nesse sentido, o que podemos aprender com Afuá? Quais são os fatores indutores da urbanidade existentes em Afuá e como planejar espaços públicos utilizando-os? Este artigo trata da urbanidade em frentes de água e sobre como criar condições favoráveis para sua ocorrência.

Palavras-chave: Urbanidade; Frentes de água; Afuá; Espaços públicos; Refúgio.

Abstract

Waterfronts can be presented as spaces whose articulating role can reduce spatial isolation and increase tolerance to difference by rescuing urbanity values. The experience in the municipality of Afuá, a city in the north of the Marajó Archipelago at the mouth of the Amazon River, in Pará, aims to identify factors that increase the urbanity that emerges there and its results, the urbanity itself, and provide subsidies for the establishment of criteria and parameters for the analysis of urbanity in waterfronts. The analysis was performed using the method of recording observations in real time and systematically, called the Diary (Gehl; Svarre, 2019). Afuá is a refuge, a safe place that has not been exposed to hostile situations. It exemplifies how the relationship between water, the city, and people can be a starting point for the desired urbanity. In this sense, what can we learn from Afuá? What urbanity-inducing factors exist in Afuá, and how do we plan public spaces using them? This article deals with urbanity on waterfronts and how to create favorable conditions for its occurrence.

Keywords: Urbanity; Waterfronts; Afuá; Public spaces; Refuge.

Resumen

Frentes de agua pueden presentarse como espacios cuyo papel articulador puede reducir el aislamiento espacial y aumentar la tolerancia a la diferencia, a través del rescate de los valores de la urbanidad. La experiencia en el municipio de Afuá, ciudad en el norte del Archipiélago de Marajó, en la desembocadura del río Amazonas, en Pará, tiene como objetivo identificar factores que aumentan la urbanidad que allí emerge y sus resultados, la urbanidad misma, y otorgar subsidios para el establecimiento de criterios y parámetros para el análisis de la urbanidad en los frentes de agua. El análisis se realizó mediante el método de registro de observaciones en tiempo real y de forma sistemática, denominado Diario (Gehl; Svarre, 2018). Afuá es un refugio, un lugar seguro que no ha estado expuesto a situaciones hostiles, un ejemplo de cómo la relación entre el agua, la ciudad y las personas puede ser un punto de partida para la urbanidad deseada. En este sentido, ¿qué podemos aprender de Afuá? ¿Cuáles son los factores indutores de urbanidad existentes en Afuá y cómo planificar los espacios públicos usándolos? Este artículo trata sobre la urbanidad en los frentes de agua y cómo crear condiciones favorables para su ocurrencia.

Palabras clave: Urbanidad; Frente de agua; Afuá; Espacios públicos; Refugio.



INTRODUÇÃO

Nós viemos da água; nossos corpos são em grande parte água; a água desempenha um papel fundamental na nossa psique. Precisamos ter contato constante com a água, ela sempre deve estar ao nosso redor; e temos de reverenciar a água em todas as suas formas (Alexander *et al.*, 2013, p. 324).

A citação de Alexander *et al.* (2013) demonstra muito da essência observada em Afuá, cidade ao norte do Arquipélago de Marajó, na foz do Rio Amazonas, no Pará, onde, por meio das apropriações e comportamentos, pode-se comprovar a condição para uma urbanidade identitária, histórica e relacional, transmitindo uma riqueza de elementos essenciais para a qualidade dos espaços na sua frente de água. Esse refúgio, chamado Afuá, foi construído espontaneamente pela própria população, desde o tempo de sua colonização, com fortes laços sociais que resultaram no vigor da vida coletiva e da urbanidade.

A maioria das famílias afuaenses nasceu, cresceu e, provavelmente, morreu ou morrerá ali, o que acaba influenciando as relações afetivas de confiança e boa convivência entre vizinhos e comunidade. Um dos possíveis fatores dessa convivência é a condição geográfica em que se encontra a cidade: uma zona afetada por cheias, que faz com que os moradores se unam para solucionar o que seria um problema.

O município tem sua história atrelada à criação das vilas de Soure e Chaves, com início em 1665, e instalação de sua comarca em 1890. A partir daí, a sede do município foi se desenvolvendo, ocupando, inicialmente, as margens do rio, até a futura pista de pouso (Bairro Centro) e, posteriormente, o Bairro Capim Marinho, após a pista de pouso (Figura 1).



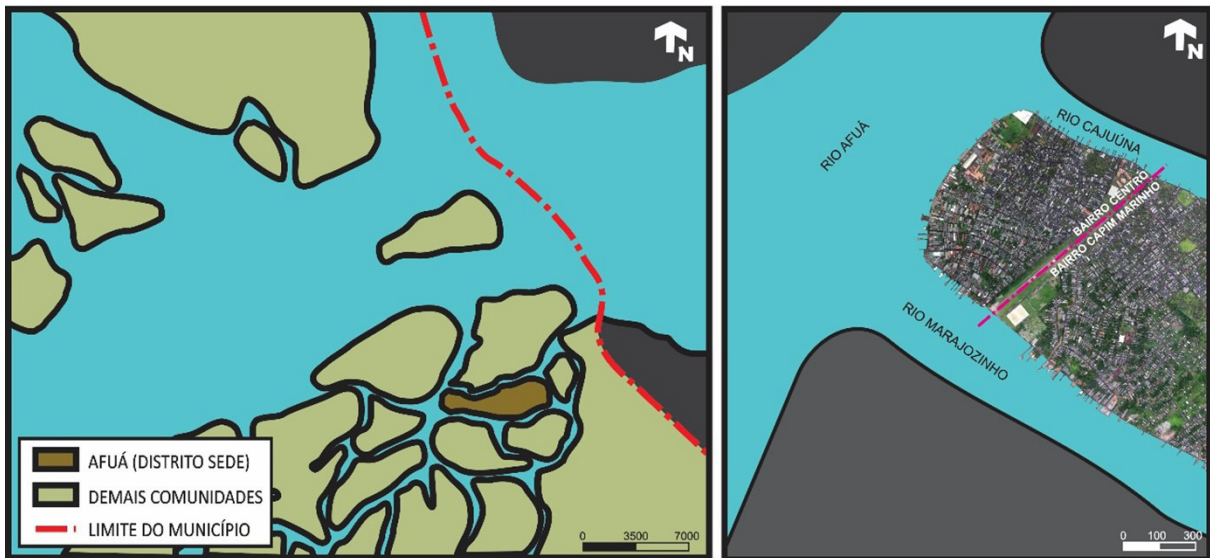


Figura 1: Localização de Afuá no Golfão Marajoara (a) e distrito sede (b). Fonte: Elaborada pela autora com base em imagem aerofotogramétrica.

Circundada por três rios — Afuá, Cajuúna e Marajozinho —, o que poderia ser um isolamento e algo negativo para a vitalidade urbana é justamente a maior causa da sua urbanidade. Corroborando Gondim (2015 *apud* Rocha, 2017), dentre três funções que um limite, nesse caso, natural pode atuar é o de união, que, no caso de Afuá, teve o poder de unir tudo que está dentro do perímetro, fortalecendo a identidade dos cidadãos; e cultural, criando laços afetivos entre eles, independentemente de etnia, religião, gênero, classe e inclinação política.

Na fala de um morador afuaense, a importância dos rios fica evidente: “O rio é minha rua”. O sistema fluvial é tão essencial quanto o sistema viário numa cidade comum, por meio da dinâmica dos cruzamentos fluviais realizados pelos moradores entre as diferentes comunidades, além da integração homem e rio e seu respectivo respeito, essencial para que ocorra a urbanidade em frentes de água.

O traçado urbano foi se estabelecendo de maneira irregular e compacta, em grande parte, conectando as margens do Rio Afuá à via paralela da pista de pouso, fazendo surgir outras vias perpendiculares ao rio, principais e secundárias. No entanto, diferentemente de outras cidades, as vias não foram planejadas no nível do solo, já que Afuá se encontra sobre a bacia do Amazonas, e isso levou à característica mais peculiar da cidade: a inexistência de veículos motorizados, proibidos por lei municipal, para que não danifiquem as estruturas palafíticas de ruas/calçadas. Essa característica revela o respeito às condições naturais e à cultura ribeirinha, com suas casas e ruas suspensas, flexíveis ao fluxo das marés. As quadras têm tamanhos e formatos variados, podendo chegar a mais de 400 metros de comprimento, porém essa dimensão não chega a ser um ponto negativo para a ocorrência da urbanidade, devido a fatores como diversidade do uso do solo, largura das vias, fronteira suave entre público e privado, entre outros aspectos que veremos a seguir.

O modo de vida ribeirinho no Marajó e a cultura herdada dos caboclos em atividades cotidianas, como cozinhar, plantar, construir e interagir com a natureza, são patrimônio imaterial e singular em Afuá. Nas construções, a madeira e a palha representam a materialidade da arquitetura vernácula do município. A religiosidade também integra os fortes costumes culturais dos afuaenses, especialmente a dedicação à Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, que tem festividades, iniciadas em 1870, todos os anos, de outubro a dezembro, incluindo o círio fluvial, aéreo e terrestre, além de romarias e atividades culturais. A cultura evangélica também está presente, a partir do ano de 1911, com eventos como A Cruzada e O Festival do Açaí, voltados à valorização da gastronomia local (Prefeitura Municipal de Afuá, 2017).

A pesquisa¹ é estimulada pela inquietação de saber quais são as condições favoráveis para a ocorrência da urbanidade em frentes de água, buscando demonstrar que lugares com urbanidade têm mais efeitos positivos na qualidade do espaço que lugares sem urbanidade, e que existem elementos (causas) que podem elevar ou diminuir esses efeitos. Surge, ainda, da necessidade de entender esses fatores de causalidade, pretendendo uma aproximação necessária com a particularidade do lugar. Como objetivos, busca-se identificar fatores (causas) que elevam a urbanidade em Afuá e, por consequência, seus resultados, ou seja, a urbanidade; e fornecer subsídios para o estabelecimento de critérios e parâmetros para analisar a urbanidade em espaços de frente de água.

Jan Gehl e Rubén Pesci, uma proximidade conceitual da urbanidade verificada em Afuá

Gehl destaca em suas pesquisas que a qualidade urbana de uma cidade é medida pela quantidade e qualidade do espaço público para pedestres. Seus estudos apontam para uma otimização dos atrativos públicos e indicam atitudes para acolher uma vida social rica e segura, a qual depende de três fatores: vida social, espaço público e edifícios — nessa ordem sequencial. Para Gehl *et al.* (2006, p. 21), “a presença de outras pessoas, de atividades e acontecimentos, de inspiração e estímulos, supõe uma das qualidades mais importantes dos espaços públicos”. Nas pesquisas de Gehl, podemos evidenciar claramente elementos indutores (causalidade) e de resultado (urbanidade): o primeiro fator (vida social) pretende registrar a ocorrência da urbanidade, e o segundo e terceiro fatores apontam para as condições que o espaço deve ter para facilitar a sua ocorrência.

Na sua publicação *New City Life*, Gehl *et al.* (2006) apresentam 12 critérios de qualidade para o espaço público, divididos em três categorias: proteção (contra tráfego e acidentes, crimes e violência e experiências sensoriais desagradáveis); conforto (oportunidades para caminhar, ficar em pé/permanecer e sentar); e prazer (escala, oportunidades para aproveitar os aspectos positivos do clima e experiência sensorial positiva). Sobre a lista de critérios, o autor (Gehl, 2013)

1 A pesquisa faz parte da tese desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e tem continuidade com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc).



destaca que, apesar de ter sido elaborada em uma escola de Arquitetura e Urbanismo, há apenas um item que se relaciona às qualidades estéticas que um espaço deve ter, evidenciando que, primeiramente, devemos considerar as necessidades de proteger as pessoas e ampliar oportunidades para caminhar, ficar em pé, sentar, olhar, falar, ouvir e se expressar de maneira confortável.

Pesci (1999) conceitua a urbanidade como a arte de saber viver a cidade, sendo necessários cinco componentes para atingir um grau de qualidade, expostos a seguir:

1. Uma cidade multifocal que trate da importância da descentralização e de como numerosos centros ou focos de provável interação social podem recuperar a escala humana nas relações sociais e a convivência em núcleos ou focos onde as distâncias entre as atividades e sua diversidade garantam maior riqueza na experiência humana.

2. Uma cidade de interfaces que considere a ecologia e o ponto de contato (ou interação) entre dois ou mais ecossistemas. A concentração ou intercâmbio pode ser física (natural e/ou construída) ou social. Pesci cita, como exemplo, o Rio Sena, em Paris, que produz uma interface natural e social positiva para a cidade.

3. Uma cidade com espaços abertos, prevendo uma estrutura configuracional urbana e sua qualidade espacial. O autor destaca que os espaços abertos são essenciais para a urbanidade e sua apropriação social, e, nesses espaços, deve-se dar apoio a uma maior liberdade e a um maior valor de uso possível.

4. Uma cidade com participação popular, destacando a importância de se conhecer a urbanidade de que cada um necessita em cada cidade, microcultura, localidade, interface e espaço público.

5. Uma cidade dos fluxos e da sustentabilidade, prevendo uma urbanidade multissetorial, integral, holística e renovável, adotando os princípios anteriormente citados: multifocalidade, interfaces, espaços abertos e participação. A multifocalidade encurta distâncias, protege identidades e propicia microculturas; as interfaces corrigem danos aos recursos naturais; os espaços abertos melhoram o uso dos recursos do solo, água, ar, flora, fauna e garantem a sustentabilidade social; e a participação define a consciência social e o bom manejo dos recursos, a sustentabilidade cultural.

A pesquisa de Pesci (1999) indicou um elemento importante para se atingir a urbanidade em frentes de água, tocando em pontos não identificados por outros autores, por meio da relevância das interfaces, que podem ser ativas ou passivas, mas com o intuito de promover a urbanidade por meio da boa relação entre homem e natureza. Por outro lado, Gehl (2006) destaca as categorias proteção, conforto e prazer encontradas em Afuá e descritas a seguir.



Registro da urbanidade em Afuá

O registro da urbanidade buscou captar as atividades e os diferentes grupos que desenvolvem sociabilidades, construindo identidades e dando significado aos lugares na frente de água de Afuá. Para elaboração do registro da urbanidade, foi realizado um Diário, descrito por Gehl e Svarre (2018) como um método de anotar observações em tempo real e de modo sistemático, e tem como objetivo aumentar o conhecimento sobre o comportamento humano no espaço público por meio de anotações de detalhes e nuances observados. Os registros da urbanidade para construção do Diário foram realizados em diferentes dias e horários no mês de julho de 2018 e são compilados na descrição a seguir.

Olhando da janela do hotel, os movimentos se iniciam por volta de 7h, quando chegam as mercadorias nos barcos para abastecer o comércio, e as primeiras bicicletas e bicitáxis começam a circular pela orla (1). São 8h e os comerciantes abrem as portas, organizando as mercadorias no lado de fora: roupas, artesanatos e alimentos (2). Enquanto anunciam seus produtos, alguns homens bebem e jogam sinuca no bar Barrius. As mulheres carregam seus cestos repletos de camarões, peixes, frutas e verduras para expor na esquina com a Av. Generalíssimo Deodoro (3). O som da rádio publicitária inicia com a missa da manhã. Nos trapiches, as famílias carregam compras em direção aos catraios. Triciclos com cargueiras dos mais diversos modelos transportam os alimentos e produtos das lojas. As cenas mudam constantemente: cores, comportamentos, cheiros, sons, sentimentos e movimentos — há um alto **GRAU DE PERTENCIMENTO** no relacionamento entre as pessoas e dessas com a cidade. A **DIVERSIDADE** está expressa nas diferentes etnias, idades, rendas, gêneros e interesses nas tipologias que animam a cena urbana. São 10h, hora de vir para o centro comprar os alimentos para o preparo do almoço: no mercado municipal, se o prato do dia for carne; na Feira do Produtor Rural, se o prato do dia for frutos do mar, há camarões de todos os tamanhos nos cestos de palha. Faltou tempero? Tem nas bicicletas de ambulantes (4). Os aposentados colocam suas cadeiras nas varandas das casas ou no outro lado da rua para ver o movimento, procurando os lugares sombreados, e o grau de **BEM-ESTAR** se reflete em suas faces, tendo a certeza de que tiveram uma boa vida, com muitas pedaladas e sem o gás carbônico dos automóveis (5). Bicicletas e sombrinhas coloridas se espremem na orla de Afuá. A densidade de **MOVIMENTOS** é alta: 165 bicicletas passam em 10 minutos. O espaço urbano seduz os transeuntes, que criam espaços de convivência por conta própria, cunhando uma atmosfera de acolhimento que abraça a diversidade e valoriza a identidade dos afuaenses. Moradores começam a passar com suas sacolas de compras. Os bombeiros ficam na Praça da Bandeira à espera de algum chamado ou prontos para dar alguma informação. Meio-dia, o sol está intenso, refletindo nas fachadas coloridas das casas. Os moradores começam a se movimentar rapidamente para suas casas. Os homens trazem nas garupas suas esposas e filhos. A orla esvazia. Os comerciantes guardam as mercadorias, e quase todos os estabelecimentos se fecham. A rádio-poste silencia. Em um ritmo lento, os moradores ficam nas suas varandas para fugir do calor. São 15h, os comerciantes recolocam as mercadorias



nos pátios. “O Barco Virgem da Conceição Grande partirá para Macapá às 20h, adquira sua passagem” — esta é a rádio publicitária voltando com a programação, que se ampliará até as 18h. Depois de informar os horários dos barcos, os eventos sociais e religiosos da cidade, continua a programação musical, em alguns pontos tendo que disputar com o som vindo das casas e bares. Entregadores de carne descarregam um boi inteiro para a Casa de Frios. Chega o final da tarde e os jovens e as crianças se acomodam nas praças, nas palafitas e nos trapiches com suas bicicletas e amigos, as relações de **AFABILIDADE** prevalecem na orla (6). Para os mais velhos, novamente é hora de sentar na varanda para acompanhar o movimento. As crianças vão brincar na Praça das Crianças. Os choppes (ou chup chup, ou sacolés, dependendo da região do país) estão sendo vendidos. Na Praça Micaella Ferreira, é hora da zumba, e logo mais tem crossfit (7). A empresa Virgem da Conceição coloca o horário que vai sair o barco no dia seguinte, já sabem como vai ser a maré. O sol começa a se pôr, e o tom avermelhado colore o rio Afuá (8). A bicilância sai apressada, deve ter ocorrido alguma emergência. Os carros de merendas começam a tomar os seus lugares: charque, calabresa, coxinha, dois jovens estacionam em frente à Praça das Crianças. São 19h e a simpática vendedora de tacacá se posiciona na esquina do banco Bradesco. Uma concha de tucupi, um pouco de goma e mais tucupi, folhas de jambu e camarão seco finalizam o prato. Com pimenta ou sem? Pode sentar. O comércio se fecha. Os jovens se acomodam sobre as bicicletas, nos trapiches ou pela rua mesmo, principalmente nas proximidades da Quadra de Esporte Dr. Nelson Salomão (9). Alguns comem lanches, outros compram guloseimas, o som com os efeitos de luzes abrilhanta a orla. Festa na quadra, hora de usar as roupas novas que compraram no comércio. O dia terminou e toda a **VITALIDADE** da orla de Afuá repousa para amanhã iniciar tudo novamente (Figura 2).

As atividades cotidianas registradas demarcam a urbanidade: caminhadas e pedaladas propositais, para encontrar os amigos, fazer compras ou simplesmente apreciar o rio; prática de exercícios ao ar livre; diversão nas quadras de esportes; compras no comércio de rua; e conversas sobre as bicicletas. O sentimento de segurança é um reflexo dessa configuração: 81% das pessoas entrevistadas dizem se sentir seguras nas margens dos rios em Afuá. Pudemos também perceber que o modo de viver ribeirinho incorpora uma convivência harmoniosa e sustentável entre o homem e o rio, refletindo nas relações sociais, culturais e no espaço construído.

Em Afuá, pudemos verificar, conforme conceito de Gomes (2009), que as sociabilidades e as relações afetivas são construídas em um contexto de vizinhança, no qual o individualismo não é o fenômeno predominante, refletindo no processo de cooperação entre indivíduos por meio da dependência recíproca entre si, que produz também a resistência.



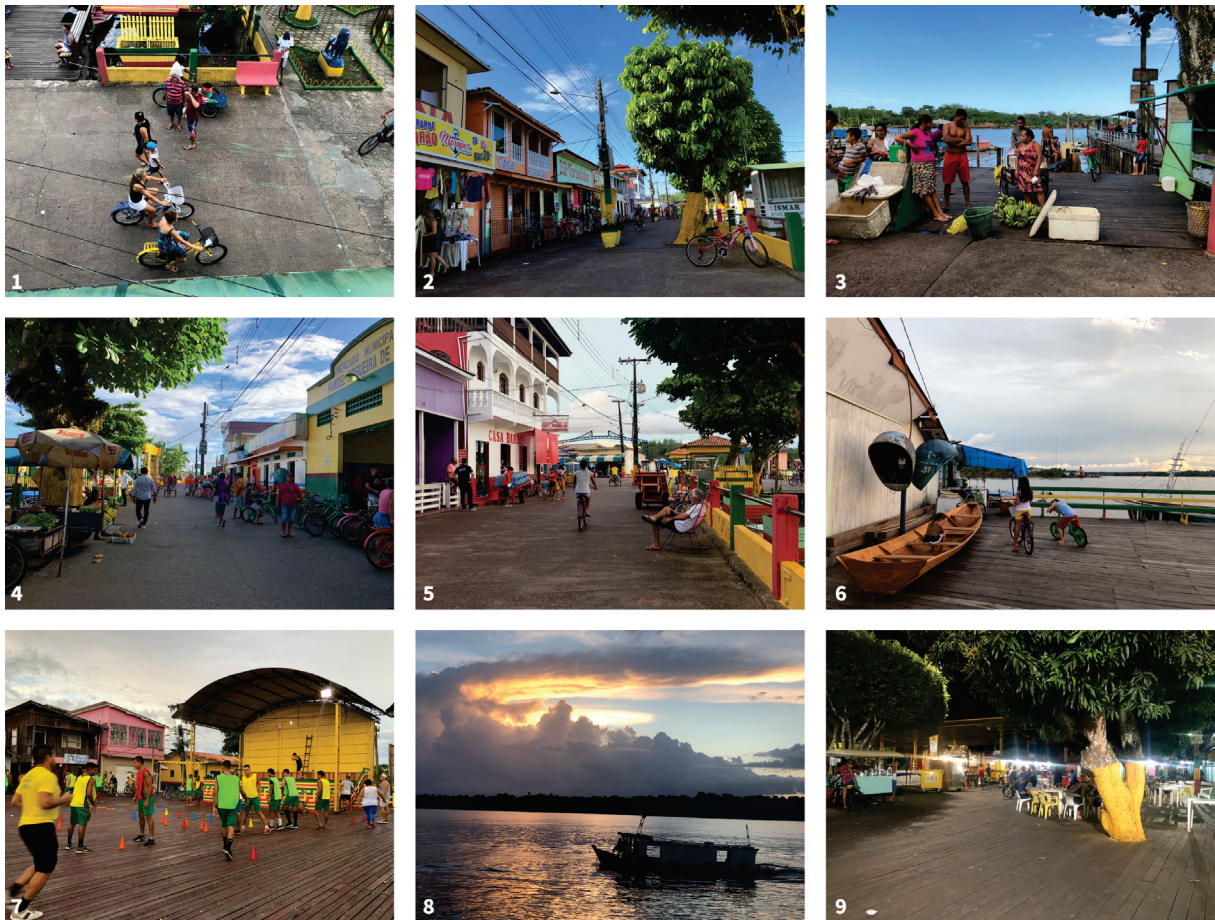


Figura 2: Registro da urbanidade em Afuá. Fonte: Elaborada pela autora (2018).

As lições de Afuá: fatores indutores da urbanidade

Em Afuá, o *genius loci*, traduzido pelas palafitas, bicicletas e rios, transforma-se em elementos de identidade convertidos na urbanidade dos espaços, nas relações de vizinhança e no acolhimento existente entre os moradores da cidade. As palafitas aproximam as pessoas, as bicicletas conferem identidade e os rios asseguram a sensação de pertencer a este território amazônico. A ausência de automóveis torna o espaço mais democrático e exclusivo das pessoas, promovendo diversidade e inclusão social, sentimento de pertencimento e anseio de permanência. A cidade e seus moradores dão sentido ao que chamamos de urbanidade, alterando os objetos e códigos do espaço e as formas de coexistir. Nesta seção, são apresentados os elementos que acreditamos que induzem a ocorrência da urbanidade em Afuá.

* * *



O município se encontra na posição de cidade estuarina (perto da foz do rio, em estuários) e com uma ótima **relação cidade-rio** que podemos definir sob três aspectos: a) cidade de pequeno porte populacional e territorial; b) localizada às margens de três rios, com larguras variáveis — 800 metros no Rio Afuá, 170 metros no Rio Cajuúna e 300 metros no Rio Marajozinho, com cheias que inundam a cidade em alguns períodos do ano; c) ordenamento espacial tradicional e espontâneo, voltado para a frente ribeirinha, valorizando as relações socioculturais e econômicas. As populações ribeirinhas, enraizadas principalmente nas comunidades fora do distrito sede de Afuá, vivem de recursos florestais e aquáticos presentes na região, e, além do próprio consumo, vendem os produtos na frente da cidade. Segundo Trindade Jr. *et al.* (2011), as cidades ribeirinhas estabelecem forte relação com o entorno (vilas, povoados e comunidades) localizado em suas proximidades e com a dinâmica da natureza, movimentos de cheias dos rios e o ritmo da floresta.

* * *

Afuá é uma cidade compacta, apresentando uma distância máxima, na área urbana, de 500 metros para se chegar à frente de água (Rio Afuá, Marajozinho ou Cajuúna), estabelecendo um contato permanente e facilitado das pessoas com a água. A **compacidade** da cidade se deve à densidade da malha, tornando a circulação de pessoas e bicicletas intensa tanto nos dias úteis como nos fins de semana, garantindo um nível elevado de copresença nas ruas em todos os períodos.

Como já mencionado, apenas as bicicletas e suas variações são permitidas como meio de transporte intraurbano; nenhum veículo motorizado pode circular, nem motocicleta nem automóvel. A bicicleta está relacionada à rotina dos moradores desde a década de 1980 e, para atender à realidade, foram criadas diversas variações dela: bicitáxi, triciclo, carro de cargas, carro de merendas, entre outras. O bicitáxi é uma adaptação feita com duas bicicletas soldadas, criado pelo morador afuaense Raimundo do Socorro Gonçalves, conhecido como Sarito, e utilizado para diferentes funções: bicilância (para transporte de doentes), bicitáxi propaganda, bicitáxi funeral, bicitáxi do bombeiro, entre outras.

Nas áreas rurais e no transporte dessas áreas para o distrito sede, são usados diferentes tipos de embarcações — canoa (com motor rabeta ou a remo), catraias, lanchas ou voadeiras. A utilização da bicicleta e das embarcações como meios de transporte relaciona-se com a **mobilidade** na cidade, afetando positivamente as relações sociais e a convivência dos moradores, tão importantes na busca da urbanidade.

* * *



Os **espaços públicos** na frente de água de Afuá desempenham um papel importante de integração por terem se transformado no espaço de encontro, de sociabilidade, de reconhecimento cultural, de valorização e construção de identidades em relação à história da comunidade. A rua é, por excelência, a morada do *genius loci* de Afuá, estabelecendo uma zona de transição suave entre o público e o privado e sendo uma indutora da copresença de pessoas. Há também recintos particulares voltados para as vias, especialmente as varandas das residências, onde os moradores colocam cadeiras e redes para apreciar o movimento, e os bancos em frente aos estabelecimentos comerciais, que animam o espaço público e garantem os “olhos da rua”, contribuindo para a urbanidade. Além das ruas, na área estudada, há seis praças com mobiliários urbanos distintos e recintos criados nos alargamentos das vias perpendiculares à orla, com assentos disponíveis voltados para a rua (Figura 3).

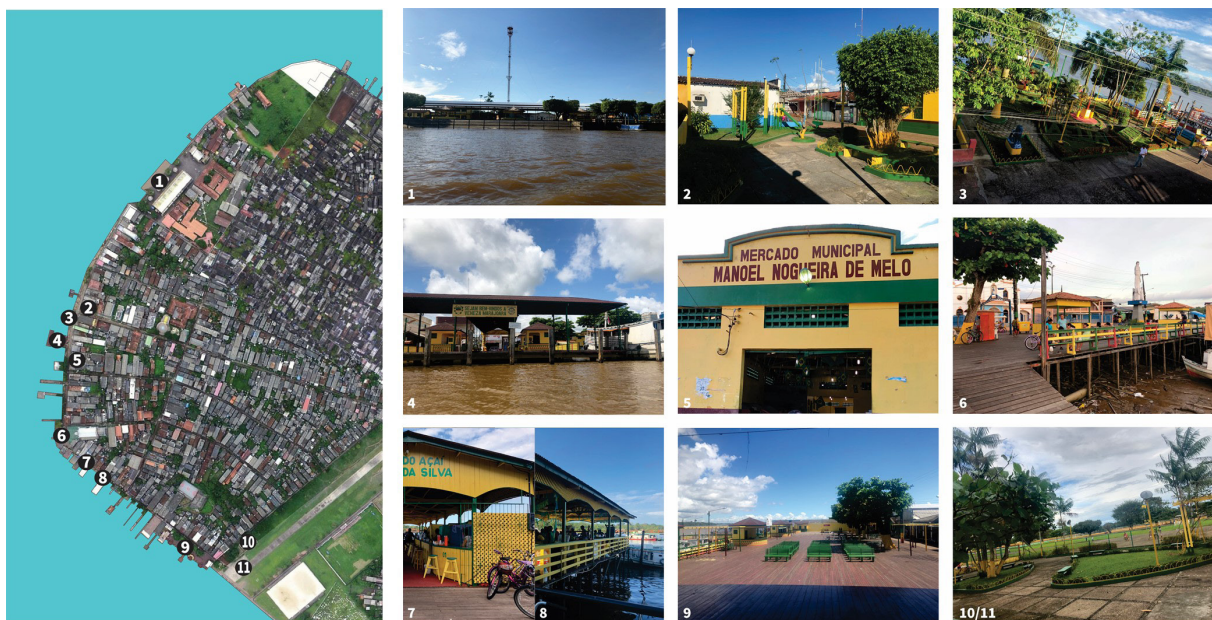


Figura 3: Equipamentos urbanos e praças localizados na orla de Afuá. Fonte: (a) Adaptada pela autora com base no Google Earth (2019); (b) Elaborada pela autora (2018).

Nesse contexto, percebemos a importância da rua como espaço de socialização, promovendo o encontro dos moradores e garantindo a equidade que ocorre com o acesso da população aos equipamentos de educação, saúde e lazer, atrelada à perspectiva de qualidade de vida e aos espaços que permitem que atividades de lazer sejam abertas, com a **participação igualitária** de todos os moradores, independentemente da classe social, da condição física, do gênero, da etnia, entre outros aspectos.

* * *



A **diversidade de usos** é outro importante fator para a ocorrência da urbanidade. Jacobs (2011) já havia constatado o fato de que diferentes pessoas, em horários distintos e motivações variadas, são essenciais para a vitalidade. Em Afuá, na frente de água, é onde se encontra a maior diversidade de usos. A parte comercial, geralmente, encontra-se no térreo das edificações, e no pavimento superior encontram-se as residências.

Os usos mistos garantem a existência de relações sociais e culturais, principalmente à margem do rio, com a manifestação de intensa apropriação do espaço. O comércio passa a ser um local de encontro, onde as pessoas vão comprar os produtos de que necessitam e já aproveitam para encontrar o outro.

* * *

Muitas cidades, mesmo tendo o rio como o fator principal para sua fundação, deram as costas para ele, mas não é o que acontece em Afuá, pois os rios reforçam a dependência da vida urbana. A **centralidade** da cidade se encontra na frente de água, ocupando uma posição privilegiada em termos de integração com o rio, tornando-se um polo atrativo de fluxos e movimentos. O complexo formado pelos trapiches, responsáveis pelos principais acessos do interior da cidade para o rio e do rio para a cidade, juntamente com os usos mistos, atua no sistema como um forte magneto da centralidade e indutor da copresença. Podemos afirmar que a urbanidade na frente de água em Afuá é, de certa forma, alimentada pela localização da centralidade nessa região.

* * *

Espaços de transição, como varandas, jardins e calçadas, são os lugares onde o público e o privado se encontram, estabelecendo relações de urbanidade. O tratamento dado a esses lugares tem influência decisiva para a vida no espaço urbano (Gehl, 2013). A **transição suave entre o público e o privado** na orla de Afuá prioriza a escala humana por meio de detalhes, cores, texturas e objetos que despertam os sentidos, da quantidade de aberturas, dos ritmos entre as edificações, da vegetação e da qualidade do passeio, tornando o caminhar e o permanecer no espaço público mais interessantes.

A ausência de muros e grades, na maioria das edificações, reforça a possibilidade de interação entre o espaço público e o privado e contribui para a **permeabilidade visual**. As varandas também têm um papel decisivo no nível de atividades das ruas. Foram observados vários idosos, já com a mobilidade reduzida, nas suas varandas, acompanhando o movimento da rua e chamando seus conhecidos para conversar.

* * *



O patrimônio vernacular de Afuá se constitui no modo natural e tradicional como as comunidades ribeirinhas têm produzido o próprio hábitat. Arquitetura vernacular é aquela originada no mesmo lugar em que se encontra, produzida pelo saber popular, que segue as normas, costumes e ideias passadas de geração para geração, e tem valor cultural elevado. Nessa categoria de arquitetura, podemos destacar em Afuá as construções tipo palafita, com um sistema construtivo por meio de pilotis de madeira, apropriado para as áreas de florestas de várzeas que se relacionam com o lugar e a natureza da Amazônia.

A paleta de cores vibrantes da cidade contrasta na paisagem natural composta pelo verde da floresta, o ocre dos rios e o céu que se alterna entre o azul e o cinza, quando está carregado de nuvens: verde, laranja, rosa, lilás, turquesa, amarela, azul ou vermelha são algumas das cores utilizadas, e se tornam um elemento que contribui na **legibilidade** da cidade para seus moradores (Figura 4). As cores das casas também se refletem no modo de vestir e nas cores das bicicletas que circulam pela cidade.



Figura 4: As cores de Afuá. Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Ao conversar com as pessoas em Afuá, elas expressam um enorme orgulho da cidade sobre as águas do rio, das casas suspensas sobre palafitas, da pintura colorida, seus ornamentos e acabamentos bem executados. A atratividade e a estética dos espaços são essenciais para a percepção, a identidade e a imaginabilidade, além de afetar o comportamento e as relações de urbanidade existentes.

* * *

Por fim, ver, cheirar, ouvir, sentir, experimentar e representar são atributos que devem ser considerados nas cidades que almejam a urbanidade, criando uma coleção de fragmentos de lugares vivenciados, percebidos por todos os sentidos humanos, como ocorre na orla de Afuá. Os sentidos — visão, olfato, audição, tato e paladar —, como receptores sensoriais do espaço urbano, tornam-se transmissores de experiências emocionais, tão importantes na urbanidade dos lugares. Em Afuá, a experiência cotidiana é uma **experiência sensorial**, captada

por meio dos sentidos. Cores e texturas nos detalhes construtivos das edificações, palafitas, trapiches e embarcações neles atracadas, sons da rádio local e das narrativas dos moradores, aromas e paladares dos carros de merendas e mercados, a grandeza dos rios. O movimento das pessoas e das bicicletas nos é apresentado pelos sentidos, permitindo construir a identidade, a cultura e a memória, resultando nas estruturas de sociabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aprendemos com Afuá?

Em primeiro lugar, aprendemos que a urbanidade está diretamente relacionada com as formas de coexistência e, com relação a sua ocorrência, verificamos que ela deve apresentar: intensidade, por meio da densidade de usuários, copresença das relações sociais e do grau de pertencimento dos usuários; vitalidade, por meio das diferentes formas de apropriação nos espaços; afabilidade, pela interação entre moradores e visitantes; e sensação de segurança, proteção, bem-estar e sentimentos afetivos.

Aprendemos que a urbanidade é colorida, expressada nas faces das pessoas satisfeitas com o lugar em que vivem, refletida no alto grau de pertencimento e apropriação, no respeito pela água e sua fauna e flora e na convivência de diferentes grupos que respeitam suas diferenças.

Aprendemos que a urbanidade em Afuá resulta da articulação de uma série de fatores que não depende especificamente de uma ou outra atividade, mas, sim, da disposição dos espaços livres e construídos na frente de água, das funções que os rios assumem na vida das pessoas, dos detalhes das fachadas, do afastamento dos veículos automotores, entre outras características já mencionadas ao longo do artigo.

Aprendemos que a frente de água de Afuá, este refúgio desconhecido por muitos, é reconhecida como um lugar de afeto pelos seus moradores, tornando-se um abrigo da urbanidade em que os moradores são os principais atores dessa relação, por meio das suas micropráticas coexistenciais realizadas diariamente.

Aprendemos que o essencial é buscar o equilíbrio da interação entre água, cidade e pessoas, nos espaços livres e construídos, de maneira que as frentes de água estabeleçam uma condição de urbanidade e coexistência dinâmica e levem em consideração a necessidade de capturar a essência da vida social já existente nesses locais.



Por fim, aprendemos que para alcançar a urbanidade em frentes de água devemos buscar formas de fazer desabrochar novas maneiras de modelar as práticas sociais, resultantes das relações de urbanidade, pensando na individualidade de cada um e, principalmente, na coletividade.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M.; JACOBSON, M.; FIKSDAHL-KING, I.; ANGEL, S. *Uma linguagem de padrões*. Tradução Alexander Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- GEHL, J. *et al. New City Life*. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.
- GEHL, J. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GEHL, J.; SVARRE, B. *A vida na cidade: como estudar*. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- GOMES, R. C. C. Buscando compreender as pequenas cidades. *In: OLIVEIRA, J. A. (org.). Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- JACOBS, J. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- PESCI, R. *La ciudad de la urbanidad*. Buenos Aires: Fundacion Cepa, 1999.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE AFUÁ. *Relatório do diagnóstico da realidade do município de Afuá - 2017/2018*: Produto da II Etapa do Processo de Revisão do Plano Diretor Municipal de Afuá. Afuá, 30 jun. 2017.
- ROCHA, M. C. S. *Quando a cidade convida: lições de urbanidade e configuração em assentamentos humanos limitados*. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/31332>. Acesso em: jan. 2024.
- TRINDADE JÚNIOR, S. C. *et al. Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha: mudanças e permanências a jusante do rio Tocantins*. *In: ACTA Geográfica*. Revista do Curso de Geografia da UFRR. Boa Vista: Editora da UFRR, 2011. p. 117-133.

